

SABIA QUE...

Nº10

P.e João Maria Lourenço

Quase a chegar ao dia de fiéis defuntos, ocorreu-me o pensamento de como a morte é um tema ausente da nossa reflexão, apesar de ela nos ser “servida” em doses anestésicas à hora dos noticiários televisivos. Partilho algumas ideias que partem tão só da minha experiência e das leituras que faço no âmbito da preparação para a missão de capelão hospitalar.

Todos nós já nos confrontámos (ou estamos em vias de nos confrontar) com a doença grave de um familiar, amigo, ou de nós mesmos. Certamente já nos encontramos na difícil situação de visitar algum doente e experimentámos a dificuldade de lidar com a situação, sem sabermos o que dizer, ou com a sensação de termos proferido palavras desastradas ou lugares-comuns que não dizem nada, a não ser o nosso medo de lidar com o sofrimento/doença/morte.

Porque temos tanto medo da morte? Este é o título de um pequeno livro (J. Pralong, Porque temos tanto medo da morte? Enfrentar e encontrar a paz interior, Paulus, 2021), mas é também uma boa pergunta para nos colocarmos a nós mesmos.

A questão da morte não se coloca somente no fim da vida, mas vai-se insinuando cada vez que fazemos uma experiência de perda significativa que nos confronta com a nossa mortalidade. Isso traz (quase sempre) associado o medo da morte. Não raramente, juntamos a isto as caricaturas que fazemos do pós-vida, sobre o inferno, céu, purgatório, julgamento, salvação, condenação... que habitam a nossa

imaginação e que servem para tudo menos para nos tranquilizar!

Com nós, também Jesus experimentou o medo, a angústia e a tristeza, e até morreu (Cf Lc 22,43-44). Jesus tem medo da morte, mas não se deixou submergir nesse medo. A ajuda do alto chegou-lhe pela sua oração contínua. Assim fortalecido, enfrentou a Paixão. Percorreu até ao fim todos os seus medos, mantendo a cabeça acima da água. Como Jesus, também nós, sempre sentiremos medo, mas Ele é mais forte que os nossos medos.

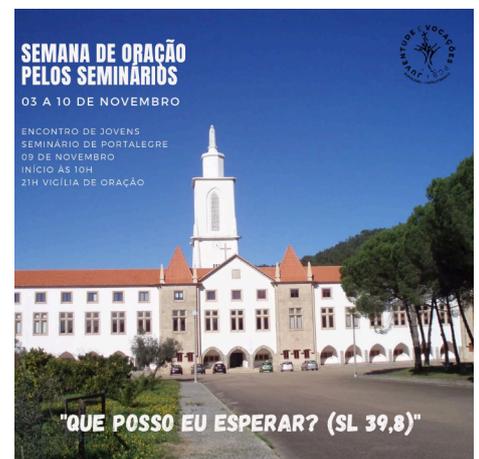
Antes de partir para o Pai, Jesus consolou os seus discípulos, inconformados, dirigindo-lhes estas palavras: “Não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim. Em casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, Eu vos teria dito que vou preparar-vos um lugar, voltarei para vos levar para junto de Mim, para que onde Eu estou, estejais vós também” (Jo 14,1-3).

A esta luz, talvez possamos dizer que a morte, mais que um acontecimento, é Alguém que vem levar-nos com Ele (Cristo). Não olhamos para a morte como ponto final na nossa existência, daquilo que somos, mas meditando nestas palavras que nos convidam a permanecer desde agora com Jesus, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6).

O Professor Enric Benito, médico que se dedicou aos cuidados paliativos e ao acompanhamento das pessoas em situação de últimos dias de vida, diz que

“Não existe a morte. Há um nascimento e um morrer. Um processo de nascer e um processo de morrer” (E. Benito, O menino que se zangou com a morte. Chaves para entender e acompanhar na viagem definitiva. HarperCollins, Madrid 2024, 197). É interessante olhar para a morte como processo e espelho do nascimento. Não como entidade, mas como caminho/processo. Não celebramos nós o “nascimento” dos santos para a eternidade?!

Que este dia seja ocasião para lembrarmos e orarmos por aqueles que partiram à nossa frente. E a fé na ressurreição alivie a dor imposta pela separação física. Não tenhamos medo de pensar a morte e o sentido da vida à luz da fé, pois isso nos permitirá lidar melhor com a perspectiva da partida dos que nos são caros e ajudará a lidar com a saudade. Como diz o sacerdote e psicólogo, Henri Nouwen, no seu livro O Curador ferido, “somente aquele que se encontra à vontade em sua casa pode acolher um hóspede, criando-lhe espaço livre de medos”.



PALAVRA COM VIDA

DOMINGO XXX DO TEMPO COMUM

Ver e seguir

Atualmente, vemos tudo a uma velocidade imensa. Das 24 imagens por segundo na televisão, aos ecrãs de telemóveis e tablets, parecemos perdidos na abundância de imagens. Muito especialistas alertam para os problemas precoces da visão, nomeadamente em crianças e adolescentes, apontando o número assustador de 50% da população mundial com problemas de miopia em 2050.

Ao realizar o sinal messiânico de curar um cego, Jesus denuncia uma cegueira ainda maior: aquela que não deixa ver as maravilhas de Deus, a de quem não se compadece diante do mal do mundo nem se compromete com a mudança, a que não deixa reconhecer no outro um irmão.

Há a cegueira de quem faz o mal e a de quem o deixa fazer; a cegueira de quem só vê o dinheiro e a de quem desespera por aquilo que não tem; a cegueira de quem se julga perfeito e a de quem deixa de ter esperança. Entre espectadores e participantes do mundo, é hoje mais fácil ver o que está longe do que aquilo que está perto.

O cego de Jericó estava sentado à beira do caminho, mas passava ao lado da vida, sem poder ver a luz do dia nem saborear as alegrias da

própria existência. Até que ouviu falar de Jesus e começa a gritar. Com fé e esperança. Pede a Jesus que olhe para ele e lhe faça graça.

“Não podemos calar o que vimos e ouvimos” (At 4, 20) é uma afirmação que podia ter saído da boca do cego Bartimeu, e da de quantos que passaram a ver como Jesus e com Jesus. O caminho sinodal, proposto pelo Papa Francisco a toda a Igreja, também nos desafia a este empenhamento e compromisso.

O silêncio diante do bem e do mal é sempre a pior opção. É preciso a coragem de gritar e de escutar os gritos, de ir à verdade do que vivemos e do que o Evangelho nos desafia a viver. A comunhão, a participação e a missão não é só de alguns para alguns, mas de todos e para todos. E isso significa ver, ouvir e falar de tudo, com humildade e esperança. Teremos a coragem de dar o mesmo salto em direção a Jesus, como o de Bartimeu, abandonando a capa da sua condição de cego e pedinte? Ver levar-nos-á a seguir?

Adaptado de Pe. Vítor Gonçalves, À Procura da Palavra, in: Voz da Verdade, 24/10/2021

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Na passada quinta-feira, Francisco publicou uma nova Encíclica, desta vez sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. Um amor que nos precede e espera sem nos colocar qualquer exigência para nos amar e oferecer a sua amizade. Será no encontro com o amor de Jesus que nos tornaremos “capazes de tecer laços fraternos, de reconhecer a dignidade de cada ser humano e de cuidar juntos da nossa casa comum”

Afirmando que é no coração que cada pessoa encontra “a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas”, Francisco refere que hoje “tudo se compra e se paga, e parece que o próprio sentido da dignidade depende das coisas que se podem obter com o poder do dinheiro. Somos instigados a acumular, a consumir e a distrairmo-nos, aprisionados por um sistema degradante que não nos permite olhar para além das nossas necessidades imediatas e mesquinhas. O amor de Cristo está fora desta engrenagem perversa e só Ele pode libertar-nos desta febre onde já não há lugar para o amor gratuito. Ele é capaz de dar coração a esta terra e reinventar o amor lá onde pensamos que a capacidade de amor esteja morta para sempre”.

Porque só o amor tornará possível uma nova humanidade, também a Igreja precisa desse amor gratuito “para não substituir o amor de Cristo por estruturas ultrapassadas, obsessões de outros tempos, adoração da própria mentalidade, fanatismos de todo o género que acabam por ocupar o lugar daquele amor gratuito de Deus que liberta, vivifica, alegra o coração e alimenta as comunidades. Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece sempre de novo a quem quer amar. Só seu amor tornará possível uma nova humanidade”.

(Procure na net “Dilexit nos” e leia este belo documento)



475 ANOS
BISPADO
PORTALEGRE